

AUGUSTO LEVERGER: O CRONISTA E SUA OBRA

Lourembergue Alves

Este artigo tem como objeto estudar o cronista Augusto Leverger Barão de Melgaço - "Bretão Cuiabanizado" - buscando seu legado, bem como sua importância à história e aos cientistas sociais.

História - cronista - legado - contexto

O grande homem de sua época é aquele capaz de expressar em palavras a vontade da época, dizer à sua era qual é a sua vontade e executá-la. Aquilo que ela faz constitui o cerne e a essência da época; ele atualiza a sua época (Hegel).

INTRODUÇÃO

A antiga rua do Campo brotou das entranhas do bairro da Mandioca. Na sua ponta inicial, um pouco afastada do Canto do Sebo e deslocada do trecho que cruza com o velho Beco Largo (atual avenida Getúlio Vargas), em um largo que se estende até a rua Comandante Costa, foi erguida a Casa Barão de Melgaço, com todo o requinte da época¹. Nela,

* É historiador, analista político, articulista de jornais da Capital, professor da UNIC e membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

residiu o Almirante Augusto João Manoel Leverger, que nasceu em Saint Malô, na Bretanha, em 1802. Filho do navegador Mathurin Miguel Leverger e da dona de casa Regine Corbes². Abraçou a profissão do pai, acompanhando-o em sua viagem à Buenos Aires. De lá, os dois rumaram-se para o Rio de Janeiro, e, em seguida, para Montevideu, onde vieram a separar-se. Não seguiu viagem até à Argentina, permanecendo em terras uruguaias. Nesse meio tempo, perdeu a mãe, em 1819, e o pai, em 1822. Dois anos depois, retornou ao Brasil. Foi incorporado a Marinha brasileira, tomando parte na Campanha da Cisplatina e, logo depois, nomeado para o Arsenal de Marinha de Mato Grosso. Em 1829, recebeu a incumbência de construir uma esquadilha de barcas canhoneiras para a defesa de fronteiras, no rio Paraguai³.

O Bretão Cuiabanizado⁴, como o chamava Corrêa Filho, chegou a Cuiabá em 1830, como comandante das canhoneiras empregadas no rio Paraguai, permanecendo por aqui durante quatro anos. Retirou-se no início da Rusga para retornar em 1837. Por aqui, unindo-se matrimonialmente com D. Inês de Almeida Leite, permaneceu até 1880, quando veio a falecer.

Foi uma personalidade dinâmica no trato com as questões militares e diplomáticas, mesmo *"ainda que alquebrado pelos anos e moléstias se apresentou resoluto e único para iniciar e dirigir a resistência"*⁵ contra os paraguaios, e aplicado no lidar com a coisa pública, pois fora um administrador exemplar no exercício da presidência de Mato Grosso *por "quatro vezes em um período de mais de sete anos"*⁶, não se deixando

1 Ela "dominava na esquina baixa o seu amplo quintal. Seus cômodos diferenciavam-se, atendendo à especialização de funções. Aparece o saguão de entrada, o quarto de hóspedes, a grande varanda, a sala de refeições. As varandas traseiras de serviço e os grandes armários dos suprimentos das cozinhas configurariam as despensas. As portas e janelas, principalmente, tiveram suas folhas feitas com frisos e travessas girando dentro de grossas molduras de madeiras lavradas e pesadas que ainda hoje existem. Posta tangenciando às ruas, a casa não podia prescindir do pátio interno. Pátio de tradição universal de arquitetura traduzido no 'impluvium' romano, ou na realização mourisca que mais próximo nos influenciara mais profundamente. Na nossa casa, ele é configurado na planta em U, antes em L, ventilando cômodos do interior da casa, amenizando nosso calor tropical e proporcionando espaço aberto, mas privativo, necessário ao receio das donzelas e crianças em recesso, adequado com a discrição e o ciúme da época". Mais tarde, "influenciado pelo 'modismo europeu', transformou-a na aparência que hoje a temos. Foram retirados os beirais, trocados pelas pratibanda. Várias pilastras com caneluras foram distribuídas nas fachadas, destacando as portas e janelas por molduras, frisos e outros desenhos geométricos" (FREITAS, Moacyr. A arquitetura da Casa Barão de Melgaço. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Cuiabá, v. 59, p. 220, 2001).

2 ARRUDA, Antônio. Vultos eminentes de Mato Grosso. Rio de Janeiro: s. e. 2001, p. 41.

3 Ibidem, p. 46.

4 CORRÊA FILHO, Virgílio. A. Leverger (o Bretão Cuiabanizado). Terceiro Congresso de História Nacional, 2. Anais ... Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro: Imp. Nacional, 1941, p. 389-493.

5 TAUNAY, Visconde. Augusto Leverger. Almirante Barão de Melgaço. Antemural do Brasil em Mato Grosso. Apud. CORRÊA, Valmir Batista. Os herdeiros de Leverger. Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Cuiabá, v. 55, p. 273, 1994.

levar "*pelas injunções políticas*" e/ou pela "*preferência partidária*"⁷, uma vez que pertencia ao Partido Conservador. *Exemplo para os dias atuais*. Mas, entre as suas atividades mais admiradas, encontram-se os trabalhos de "*levantamentos*", de "*diários*", de "*roteiros de navegação*" e de "*vias de navegações*"⁸. Isto é, o seu papel e importância como cronista. Tema deste texto.

O CRONISTA

Seus trabalhos são importantes para o Estado e para seu povo. Frutos, na ótica do Visconde de Taunay⁹, "*de quase cinquenta anos de estudar e explorar um território imenso, em que se exercitou a sua atividade*", e, evidentemente, do seu incansável vasculhar as cousas idas e vividas e os documentos antigos. Segundo Pimenta Bueno¹⁰, presidente da Província de 1836-1838,

o venerando Sr. Barão de Melgaço possuía um precioso arquivo de cópias interessantes de documentos gráficos, com os quais organizou a carta de província, em 1868: entre esses documentos tinha muitos seus, relativos à história e geografia da província e do reconhecimento dos rios Cuiabá, Paraguai, do distrito de Miranda e outras localidades.

Trabalhou intensamente nesses papéis velhos, amarrotados e amarelados pelo tempo, particularmente quando deixara as atividades públicas. Escreveu, destruiu e voltou a escrever seus textos. Não tinha pretensão alguma de publicá-los, muito "*embora estivesse atento sempre a satisfazer ao primeiro que lhes pedisse*"¹¹. Talvez tenha mudado de idéia. E, certamente, o fizera (ainda bem). Afinal, tornou-se membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1848, que tem como responsabilidade primeira preservar e difundir a história, os valores culturais e a geografia do País. Assim, seus estudos passaram a ser divulgados além de Mato Grosso, através da revista daquela instituição.

6 CORRÊA, Valmir Batista. Op. cit., p. 271.

7 ARRUDA, Antônio. Vultos eminentes, op. cit., p. 55.

8 Apud. CORRÊA, Valmir Batista. Op. cit., p. 272.

9 Apud. ARRUDA, Antônio. Vultos eminentes de Mato Grosso. op. cit., p. 53.

10 CORRÊA, Valmir Batista. Op. cit., p. 273.

11 CORRÊA FILHO, Virgílio. A. Leverger (o Bretão Cuiabanizado). Op. cit.,

De acordo com Valmir Batista, foram os seguintes:

Carta e Roteiro da navegação do rio Cuiabá desde o Salto até o rio São Lourenço e deste último até sua confluência com o Paraguai, Diário do Reconhecimento do rio Paraguai desde Assunção até o rio Paraná, Observações sobre a Carta Geográfica da Província de Mato Grosso, Roteiro da Navegação do rio Paraguai, desde a foz do Sepotuba até o rio São Lourenço e Roteiro da Navegação do rio Paraguai desde a foz do São Lourenço até o Paraná (v.25, 1862), Breve Memória à Chorographia DA Província de Mato Grosso (v. 28, 1865) e Apontamentos para o Dicionário Chorographia da Província de Mato Grosso (t. 47, 1883)¹².

Por conta disso, as gerações de pesquisadores, que se seguiram ao longo dos tempos, puderam ter contato com esses textos. Um de seus discípulos, talvez o seu maior biógrafo, fizera deles (textos) suas leituras prediletas e fontes norteadoras à composição de seus livros, bem como encontram-se a atuação do Barão de Melgaço em prol da defesa de Mato Grosso¹³ e trechos¹⁴ como o que se segue:

Vêm-se nas praias de Assunção algumas famílias de índios Paiaguás; habitam em miseráveis choupanas levantadas na beira do rio e coberta de couro. Suprem os habitantes de peixe, lenha, capim, taquaras, remos de canoa, esteiras e algumas outras obrinhas de junco e de caniço; gastam quase exclusivamente em embriagarem-se o produto de seu trabalho. É tudo o que resta dessa valente nação e poderosa, de quem o rio Paraguai tirou o seu nome e que tão célebre ficou nos anais desta Província, pelos renhidos combates e porfiada luta, que travou com os seus descobridores e primeiros povoadores.

12 CORRÊA, Valmir Batista. Op. cit., p. 271-272.

13 Ver CORRÊA FILHO, Virgílio. História de Mato Grosso. Várzea Grande: Fundação Júlio Campos, 1994, v. 4, p. 540-546 (Coleção Memórias Históricas).

14 OFÍCIO ao Presidente de Mato Grosso, Coronel Zeferino Pimentel Moreira Freire, de 22 de abril de 1844. Apud. CORRÊA FILHO, Virgílio. História de Mato Grosso. op. cit., p. 117.

Nota-se no trecho acima: num primeiro momento, surpresa; no outro, denúncia da precária situação de vida dos Paiaguás, a quem, seu autor, o chama de "*valente nação e poderosa*". O que demonstra o reconhecimento de Barão de Melgaço pela importância desta família indígena. Não só a ela, mas a todas e a tudo que envolvem e pertencem a terra mato-grossense. A propósito, é oportuno transcrever-se parte de uma carta ¹⁵ que dirigiu à sua Irma:

(...) houve ainda necessidade de mostrar a esta boa terra, que tão bem me acolheu, quanto lhe sou grato, fã-lo-ei com toda a boa vontade. Sou feliz como se possa ser, embora sempre inclinado à tristeza e a uma vaga e indefinível aspiração (...) Pujem-me, às vezes, dolorosas saudades da pátria, a nossa cara França (...) Poderia eu, porém, deixar hoje o meu agarrador Mato Grosso, que tão bem soube prender-me a si? Não, não, impossível!

"*Agarrador Mato Grosso*", conforme expressão cunhada por ele próprio ao referir-se à terra que lhe dava guarida. Retribuindo-a com quase cinqüenta anos de trabalho, ao mesmo tempo em que registrava seus feitos, anotando-os "*em seu precioso diário, de mero espectador dos acontecimentos*". Essas anotações foram fundamentais para a feitura de suas obras. Entre as quais destaca-se "*Apontamentos Cronológicos da Província de Mato Grosso*". Nesta, estão presente os grandes administradores. Com relação a gestão Dom Antônio Rolim, ele anotou:

*(...) ereta a Vila Bela, o general deixou voltas às suas lavras e roças os moradores que havia convocado para este ato, e até permitiu aos oficiais da Câmara e aos de Justiça, não havendo ainda casas no lugar, que fossem residir na Chapada e ali fizessem as vereanças que necessitam de pressa. Ele, porém, permaneceu no mesmo sítio, morando em uma palhoça.
Em agosto criou-se uma Companhia de Homens Pretos
...*¹⁶

15 Apud. ARRUDA, Antônio. Vultos eminentes de Mato Grosso. op. cit., p. 58.

16 CORRÊA FILHO, Virgílio. História de Mato Grosso. op. cit., p. 541.

Mais adiante, ao referir-se ao 2º Capitão General João Pedro da Câmara (1765-1768), observou: *"persuadido (...) de que seria pouco duradouro o estado de paz com os espanhóis, duplicou principalmente a sua atenção ao estado militar da capitânia de Mato Grosso"*¹⁷. O mesmo exemplo foi seguido pelo governador que o sucedeu, conforme registrou o referido cronista: *"(...) o general Luís Pinto, durante os quatro anos de sua administração, deu muita providências para melhorar a administração civil e militar da Capitania, promover a sua segurança"; sem, contudo, descuidar-se da "agricultura, do comércio e da navegação"*¹⁸. Tarefa, igualmente, empreendida pelo general Luiz de Albuquerque: *"introduzir no ânimo dos povos (indígenas) a economia" e "dar providências para a fomentação do comércio clandestino com os espanhóis"*¹⁹.

Vale dizer que essa obra não faz alusão apenas às administrações de 1750 a 1858 e conflitos em que aquelas se viram envolvidas, mas também do cotidiano dos homens livre e escravo e dos índios. Nesse sentido, diz uma carta instrutiva²⁰, deixada para o recém-empossado governador, capitão general Luís de Albuquerque:

Ter toda cautela e prevenção a respeito dos espanhóis; organizar os índios Bororós em um corpo de milícia, à maneira dos Sipais da Índia (...); promover relações de amizade com os índios aldeados nos mesmos domínios da Capitania (...); sustentar e defender os povos de toda opressão que lhes quisessem fazer os ministros da justiça, ou eclesiásticos ou quaisquer outras pessoas constituídas em dignidade ou sem ela; promover o mais possível a comunicação entre as capitanias de Mato Grosso e Pará; conservar a ocupação de toda a margem oriental do Guaporé, defendendo-a até a última extremidade; dar completa liberdade aos índios; observar as apertadíssimas ordens existentes a respeito dos diamantes (...) promover a agricultura, pagando por justo preço aos índios os frutos que colheram.

16 LEVERGER, Augusto. Apontamentos cronológicos da Província de Mato Grosso. Cuiabá: IHGMT, 2001, p. 43 (Publicações Avulsas).

17 Ibidem, p. 58.

18 Ibidem, p. 73.

19 Ibidem, p. 73-75.

20 Ibidem, p. 73.

Trata-se, entretanto, de "*apontamentos cronológicos*". Daí a ausência explícitas de críticas. Estas aparecem, ao longo da referida obra, de maneira sutil, conforme pode-se perceber abaixo:

A 6 de fevereiro partiu o capitão general da Vila Bela para as Pedras e dali seguiu até o lugar onde estava na margem direita do Guaporé a Missão de Santa Rosa. Achou que os padres espanhóis, contra a promessa que lhe tinham feito em 1756, continuavam em mandar fazer roças e plantações na vizinhança da dita aldeia. As casas, porém e a mesma capela estavam quase completamente arruinadas. Alguns dos mencionados padres vieram ali visitá-lo. S. Ex.a cuidou em reparar alguns dos referidos edificios, e em traçar a cada um deles uma estacada, e regressou em 17 de abril para Vila Bela. Passando pelas Pedras determinou que a respectiva guarda se fosse unir à outra (...) Consistia o armamento em armas de fogo das praças, algumas peças de amiudar e umas foices roçadeiras que montou-se compridas hastes para uso dos índios e pretos²¹.

"As casas, porém e a mesma capela estavam quase completamente arruinadas". Há aí a denúncia. Portanto, a crítica sobre o estado de abandono em que se encontrava a Missão de Santa Rosa. Percebe-se, então, que o olhar do cronista é amplo. Não se descuidando dos detalhes, simples e complexos. Passados para o papel em estilo narrativo. Próprio de sua época²².

Ponto alto de toda a sua produção intelectual. Resultado do seu poder de síntese em costurar os dados selecionados. Tarefa que requer, acima de tudo, intensa investigação e concentração. Em meio a essas características básicas, ou entrelaçados a elas, a tenacidade em registrar e preservar passagens importantes da história regional. Essa tenacidade pode ser percebida em todos os seus trabalhos que, de acordo com a relação apresentada pelo Alte. Henrique Boiteux²³, são os seguintes:

21 LEVERGER, Augusto. Op. cit., p. 51.

22 A produção literária de Mato Grosso, nos séculos XVIII e XIX, era essencialmente narrativa. Ver ALVES, Lourembergue. Literatura e história, um diálogo possível. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Cuiabá, v. 59, p. 41-76, 2001.

Diário de Campanha de 1825 a 1828, "Derrota da Navegação Interior, da Vila de Porto Feliz de São Paulo à cidade de Cuiabá", 1830, "Memórias sobre o rio Paraguai, desde Nova Coimbra", 1841, "Diário e Roteiro da Viagem feita desde a cidade de Assunção, no Paraguai, até a Bahia Negra", 1844, "Diário do Reconhecimento do rio Paraguai até o Paraná", 1846; "Exame de uma parte do rio Paraguai e das Lagoas Uberaba e Galha", 1847; "Observações sobre a carta da Província de Mato Grosso", 1862; "Breve Notícia relativa à corografia da Província de Mato Grosso"; "Notícia sobre a Província de Mato Grosso", 1863; "Apontamentos Cronológicos da Capitania de Mato Grosso"; "Dicionário Geográfico da Província de Mato Grosso"; "Documentos Oficiais portugueses e espanhóis, relativos aos limites do Impérios pela Província de Mato Grosso"; "Carta e Roteiro de Navegação do rio Cuiabá, desde o Salto até o rio S. Lourenço e desde até a confluência do Paraguai"; "Carta do rio Paraguai desde a foz do Olimpo até a cidade de Assunção", 1843; "Planta Hidrográfica da lagoa Uberaba"; "Esboço Hidrográfico do Campo do Jauru", 1849; "Mapa da Fronteira Sul da Província de Mato Grosso"; "Mapa Geográfico, Cronológico e Estatístico da Província de Mato Grosso"; "Planta do rio Paraguai"; "Esboço Hidrográfica desde a foz do rio Miranda até o Paraguai, 1862"; "Carta de um reconhecimento no distrito de Miranda", 1864; "Carta Cronográfica do distrito de Miranda", 1866.

São trabalhos de fôlego, porém nem sempre reconhecidos. Suas publicações chegaram a ser cogitadas logo após o seu falecimento. A Assembléia Provincial, por exemplo, no dia 27 de novembro de 1880, aprovou a Lei nº 561, sancionada pelo presidente Rufino Enéas Gustavo Galvão, que autorizava o governo regional em bancá-las. Mas a escassez

23 Apud. ARRUDA, Antônio. Vultos eminentes de Mato Grosso. op. cit., p. 66.

24 PÓVOAS, Lenine. Leverger, uma vida a serviço do Brasil. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Cuiabá, LXVI, p. 292, 1994.

25 Ibidem, p. 296.

26 Ibidem, p. 297.

de recursos públicos inviabilizou tal projeto ²⁴. Anos depois, o governo Antônio Paes de Barros baixou o Decreto nº 168, de 12 de maio de 1905, abrindo crédito especial para dar cumprimento àquela lei. Apenas uma fora editada: *"Vias de Comunicação de Mato Grosso"*²⁵. No século passado, a referida lei voltou à luz, agora no artigo 35 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Estadual de 1947. Este dispositivo, entretanto, tornou-se letra morta e jamais cumprido ²⁶. Felizmente, a Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro abriu espaços em suas páginas para a veiculação dos textos do *Bretão Cuiabanizado*. Recentemente, um deles foi reeditado pelo Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, em suas *publicações avulsas*. Graças a esse fato, é necessário grifar,

não se perderam os valiosos estudos de Augusto Leverger, que teriam desaparecidos de todo se fossem entregues à indiferença e a dissídia de nossos homens públicos, para os quais cultura não rende voto ²⁷.

Por conta disso, pesquisadores da história e geografia regionais podem ter contato com um vasto trabalho que se estende dos *"Diário e reconhecimento"* e *"Roteiro de navegação"* do rio Paraguai, passando por *"Carta e roteiro de navegação do rio Cuiabá"* e *"Vias de comunicação de Mato Grosso"*, até a *"Apontamentos para o dicionário corográfico da Província"*. Expressões maiores daquele inolvidável servidor da terra mato-grossense que se chamou Augusto Leverger, sustentadas - no dizer do Visconde de Taunay ²⁸ - *"pelo conjunto de qualidades científicas, cívicas e guerreira (...), superioridade de vistas, desinteresse, modéstia, pundonor e profundidade de conhecimentos técnicos"*. O que deixou uma marca profunda nos intelectuais que participaram ativamente da fundação do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, influenciando-os. Entre os quais destacam-se: Virgílio Corrêa Filho ²⁹, Antônio Fernandes de Souza ³⁰ e Estevão de Mendonça ³¹. Estes foram

27 PÓVOAS, Lenine. Op. cit., p. 297.

28 Apud. CORRÊA, Valmir Batista. Op. cit., p. 273.

29 Nascido no dia 8 de janeiro de 1886 no seio da família Alves Corrêa, casado com Edith Corrêa da Costa - filha de Pedro Celestino Corrêa da Costa e Constança Novis Corrêa da Costa. Teve brilhante participação no Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e na Academia Mato-grossense de Letras, bem como na vida pública e profissional, igualmente nas entidades e órgãos de âmbito nacional a que pertenceu ou colaborou: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, IBGE, Conselho Nacional de Geografia, Jornal do Comércio. Publicou, entre outras obras, História de Mato Grosso. Vindo a falecer aos 86 anos, em 11 de setembro de 1973.

seus principais biógrafos. O primeiro, denominou-o de "*Bretão Cuiabanizado*"; enquanto os outros dois dirigiram a publicação de um de seus trabalhos, "*Vias de comunicação de Mato Grosso*", e na revista "*O Arquivo*" - criada por eles - para divulgar textos e documentos acerca da história regional, editou um número especial "*comemorativa do 25 aniversário do passamento*"³² do referido estudioso. Deixaram, então, transparecer a admiração e gratidão que sentiam por inolvidável autor. O último, inclusive, em 1896, fundou em sociedade o Colégio Augusto Leverger, manifestando, desse modo, o seu "*culto levergeriano*". Culto que ganhou corpo com a publicação das chamadas notas avulsas do Barão de Melgaço.

Barão de Melgaço, na ótica do filho de Estevão de Mendonça, tinha um estilo sóbrio³³, trazendo como exemplo um dos textos daquele historiógrafo sobre a invasão paraguaia:

Na mesma ocasião em que a expedição fluvial paraguaia atacava o Forte de Coimbra, outra expedição de força das três armas entrava, pelas imediações das cabeceiras do Apa, no Distrito de Miranda, cuja guarnição compunha-se apenas de 200 praças do Corpo de Cavalaria da Província e do casco do Batalhão de Caçadores com pouco mais de quarenta praças de pré inclusive a música. O seu comandante, o bravo Tenente de Cavalaria Antônio João Ribeiro, não obstante a enormíssima desigualdade de forças, tentou resistir, e segundo toda a aparência, sucumbiu com a pouca gente às suas ordens, sem arredar o pé do lugar que lhe fora confiado.

Uma coluna inimiga, dirigindo-se pelo alto do terreno,

30 Nascido aos 15 de janeiro de 1879, em Cuiabá, do enlace matrimonial de Sabino de Souza e de Maria Inocência de Souza. Trabalhou na Usina Itaicy. Foi contador, funcionário da Fazenda Estadual, jornalista, historiógrafo, professor e membro da Academia Mato-grossense de Letras e do IHGMT. Escreveu vários trabalhos, entre os quais "Antônio Paes de Barros e a política de Mato Grosso.

31 Nasceu em 25 de dezembro de 1869, em Santo Antônio da Barra, no atual município de Barão de Melgaço. Foi servidor público, professor, topógrafo, advogado provisionado, jornalista e historiógrafo. Escreveu: Quadro chorographico de Mato Grosso, Datas mato-grossenses, Retalhos da vida, e foi naquela noite de natal, Breve memória sobre a imprensa em Mato Grosso e notas históricas. Veio a falecer, em Cuiabá, em 2 de dezembro de 1949.

32 CORRÊA, Valmir Batista. Op. cit., p. 278.

33 MENDONÇA, Rubens. História da literatura mato-grossense. Cuiabá: s. e. 1970, p. 45.

percorreu sem encontrar obstáculos os campos regados pelos afluentes do rio Dourados e do Brilhante, aprisionando e afugentando os seus moradores.

O restante da expedição desceu a serra e passou pela Colônia militar de Miranda, abandonada pelos seus habitantes. A imensa superioridade de sua força tornou-lhe fácil desbaratar o Corpo de Cavalaria que, vindo de Nioaque, onde estava aquartelado, fez inútil esforço para disputar a passagem do rio do Desbarrancado junto à fazenda do mesmo nome.

O comandante e os destroços do dito Corpo retiraram-se para a Vila de Miranda, onde existiam tão poucas praças, como já disse, do Batalhão de Caçadores e diminuto número de Guardas Nacionais do ainda não organizado 7º Batalhão.

Com tão fracos elementos, todos julgaram inútil a resistência, e constando que os paraguaios haviam se assenhorado de Coimbra e de Corumbá e da navegação do rio Paraguai, trataram de retirar-se para o interior da Província, o que efetuaram, seguindo uns por via Camapuã, outros pelo lado do estabelecimento colonial do Taquarí, fronteiro à barra do Coxim, e, geralmente, designado por este último nome.

As famílias que habitavam a Vila, acabaram por tomar o mesmo destino depois de estar por maior ou menor tempo, escondidos em diversos sítios do Distrito.

Algumas foram aprisionadas, e de outras nenhuma notícia temos.

Os índios moradores das aldeias da vizinhança, depois da evacuação da nossa tropa e antes da entrada dos Paraguaios, apoderaram-se de porção de armamento que existia nos armazéns militares, e com ele hostilizaram o inimigo, mas este não tardou a dominar essa resistência que não era de esperar fosse eficaz, atendendo à inferioridade do número dos mesmos índios e à sua falta de disciplina

34 LEVERGER, Augusto. Invasão paraguaia. Apud. MENDONÇA, Rubens. Op. cit., p. 46-47.

35 Idem. Apontamentos cronológicos da Província de Mato Grosso. op. cit., p. 152.

*Assim ficaram os Paraguaiois na plena e efetiva posse do Distrito de Miranda*³⁴.

Sóbrio era uma de suas qualidades, bem como a simplicidade e a naturalidade. Ele as levava (tais características) para os seus textos, evitando sempre os termos rebuscados e as construções arrevesadas. Por essa razão, seu pensamento fluía sem rodeios. Valendo-se, na verdade, do estilo narrativo, conforme pode-se perceber no trecho abaixo:

*(...) O comandante da fronteira do Paraguai major Santiago, mandou uma escolta de oito praças buscar os Terenas que moravam na margem direita do Paraguai, abaixo do Fecho dos Morros, por constar que queriam vir para Albuquerque. A escolta foi maltratada pelos índios, em consequência do que, o major marchou contra eles e os desbaratou, matando-lhes 32 homens e muitos feridos. O governo da província desaprovava esta expedição, mandando que o major Santiago fosse substituído no comando pelo capitão Rufo e que respondesse a conselho de investigação*³⁵.

Seus textos, como não poderiam deixar de ser, trazem leituras dos acontecimentos que foram registrados nos séculos XVIII e XIX. Com relação ao ano de 1723, registrou:

*As minas de Cuiabá iam em visível decadência (...) em consequência dos estragos que haviam feito o gentio e pela notória falta de ouro nas faisqueiras, carência de gêneros de consumo e de viveres. Dizem que chegaram a se vender o prato de sal por 10 oitavas, camisa de linho por 12 e a libra de pólvora também por doze oitavas, e nos anos anteriores o milho foi vendido a razão de 12 oitavas e o feijão de 24 a 30 oitavas.
Esse estado de coisas deu motivo a grande debate em*

34 LEVERGER, Augusto. Invasão paraguaia. Apud. MENDONÇA, Rubens. Op. cit., p. 46-47.

35 Idem. Apontamentos cronológicos da Província de Mato Grosso. op. cit., p. 152.

uma reunião da Câmara, Nobreza e Povo, efetuada a 23 de março.

*Por esse tempo e por causa da miséria entranharam-se os bandeirantes pelos sertões dos Parecis para, a pretexto de descobrirem novas minas, cativarem o gentio*³⁶.

Essa situação de dificuldades tornava-se ainda mais drástica com o alastramento das doenças. Preocupação, igualmente, dos governantes. Em 1852, por exemplo, Barão de Melgaço escreveu:

Em julho chegaram a Cuiabá o agente (Dr. Medardo Rivani), diversos empregados e 98 africanos livres da recém-criada Sociedade de Mineração de Mato Grosso. Foram-se estabelecer em Diamantino.

*Foram tomadas medidas para prevenir que o distrito de Mato Grosso fosse invadido pela epidemia de bexigas, que constava estar fazendo muito estrago na província boliviana de Chiquitos. A 15 de agosto recebendo o presidente a notícia de que os bolivianos pretendiam vir segunda vez ao Marco, fez seguir para aquele ponto o comandante interino do Batalhão de Caçadores, capitão Generoso Antônio de Moraes com o mesmo destino, com toda a força militar disponível, e pessoalmente marchou com o mesmo destino poucos dias depois; regressou, porém logo por ter recebido participação oficial de que tal notícia não tinha fundamento*³⁷.

As epidemias ameaçavam, quase sempre, a população local. Em 1818, data das elevações de Cuiabá e Mato Grosso para a categoria de cidade (Carta de Lei de 7 de setembro), conta o referido autor:

De abril a julho reinou em Mato Grosso uma epidemia de disenteria sanguinolenta de que faleceram na cidade 92 pessoas, entrando neste número o comandante do distrito, coronel Manoel Antônio Pinto, e o escrivão

36 LEVERGER, Augusto. Apontamentos cronológicos da Província de Mato Grosso. op. cit., p. 23-24.

37 Ibidem, p. 187.

deputado da Junta de Fazenda, Domingos Mendes de Morais.

Dos índios ultimamente vindos de Chiquitos morreram 237, vitimados pela mesma epidemia. O general logo teve conhecimento desse flagelo, fez seguir um cirurgião, um boticário em uma botica³⁸.

Seu olhar era amplo. Não somente às questões cotidianas da população. Mas, também, aos problemas de governo que, de um jeito ou de outro, acirravam os ânimos populares. Em 1817,

(...) os cofres estavam sem dinheiro; que no sertão não havia um só morador por causa dos índios; que a tropa de linha na capital era somente fornecida carne e meio décimo de farinha por média; que perto de 600 homens que guarneciam a fronteira eram sustentados pelos lavradores e senhores de engenho, a quem se tornava muito pesada a falta de pagamento³⁹.

Essa falta de pagamento, somado a alta dos preços dos gêneros alimentícios, dificultava a própria sobrevivência particularmente da maioria da população abandonada pela sorte, aumentando sua insatisfação contra a elite econômica. O que a levou a ser, em 1834, cooptada pela camada emergente contra o grupo dominante tradicional. A respeito disso, o historiógrafo escreveu:

A 3 de maio teve lugar a inauguração de uma roda de enjeitados na Santa Casa de Misericórdia, à diligência da Sociedade Filantrópica (fundada no ano passado, de alguma sorte em oposição à Sociedade dos Zelosos da Independência).

Tendo sido José Joaquim Vaz Guimarães, adotivo, nomeado procurador fiscal da tesouraria, pelo Tesouro, houve contra esta nomeação uma representação do povo a que anuiu o presidente em conselho em deliberação de 4 de maio.

Em maio marchou o comandante das armas, coronel Almeida, para Mato Grosso. desavenças entre guardas

38 Ibidem, p. 134.

39 LEVERGER, Augusto. Apontamentos cronológicos da Província de Mato Grosso. op. cit., p. 132.

nacionais e guardais municipais ameaçaram perturbar a tranqüilidade pública. conciliaram-se.

Na noite de 30 para 31 de maio um grupo de facinorosos, a que se ajuntou a plebe iludida em parte, e em parte movida pelos mais ignóbeis sentimentos, apodera-se do quartel e manda tocar a rebate, saquearam as casas de comércio pertencentes a adotivos.

O conselho do governo, convocado extraordinariamente, anuiu às exigências dos insurgentes e deliberou que todos os brasileiros nascidos em Portugal menores de 60 anos fossem mandados sair da província, devendo pôr-se em caminho dentro de 24 horas.

Os amotinados cometeram atrocidades inauditas - cortaram as orelhas e partes pudendas das vítimas, queimaram cadáveres, violaram esposas e outros atos de selvajaria.

Aquela deliberação do conselho e as ordens que se expediram em cumprimento dela deram lugar à caça que se fez dos adotivos, que se mataram onde eram encontrados. A pretexto de que pretendiam resistir, expediram-se escoltas para perseguir-los e ameaçaram-se os brasileiros natos que lhes dessem couro.

Foram mortas 33 pessoas, sendo 3 brasileiros e 30 adotivos.

Movimento da mesma natureza, porém menos sanguinário, teve lugar nos dias 7 e 8 de junho na Vila do Diamantino.

Mato Grosso, onde se achava o comandante das armas, recusara associar-se a tais atrocidades e as reprovou por atos públicos.

No mês de agosto renovou-se a rusga em Diamantino onde mataram a três adotivos; as autoridades, porém, e parte sã do povo obstaram a que prosseguisse a desordem.

Ausentes ou escondidos os poucos adotivos que existiam no município de Cuiabá, entrou-se a falar na proscricção de 33 brasileiros bastardos. O vice-presidente Poupino, unindo-se à gente ordeira, fez com

que saísse do quartel a força que o ocupava, a fim de marchar para Diamantino e tomando conta do mesmo quartel no dia 4 de setembro com homens de ordem, deu-se começo à prisão dos insurgentes.

(Em outubro, durante a gestão de Antônio Pedro Alencastro) efetuou-se a prisão de vários autores dos crimes que começaram a 30 de maio e deram-se providências enérgicas para a captura e processo de todos.

Na noite de 30 para 31 de outubro foram presos cinco cidadãos notáveis pela sua posição social ...⁴⁰

Havia, à época, uma composição de uma visão popularizada de aversão e oposição aos comerciantes, uma vez que a desigualdade das trocas do comércio, em última instância, penalizava a maioria da população. Daí a sua manifestação contra a elite econômica local. Manifestação formalizada até mesmo como reações violentas, como a da Rusga. Movimento que não foi ignorado pelo referido historiógrafo. Nada lhe escapava dos olhos. Dirigiu-os, inclusive, para os conflitos fronteiriços com os espanhóis. Conflitos esses que não eram restringidos à luta armada. Os lados utilizaram, além das armas, a política do contrabando da prata e do ouro. Muitas vezes disfarçadas de comércio legal, tal como aparece abaixo:

(Em 1818) tendo as ordens reais facultado o comércio com as vizinhas províncias espanholas, estabelecendo-se alfândegas de portos secos nos lugares onde fossem convenientes, o general organizou umas instruções para o regimento das ditas alfândegas, o que com as respectivas pautas submeteu à consideração da Junta de Fazenda, tendo antes tomado a tal respeito o parecer do Dr. Ouvidor e dos principais negociantes de Cuiabá. Foram posteriormente remetidas as mesmas instruções aos comandantes de Miranda, Coimbra e Caslavasco para, por elas, se regerem⁴¹.

As questões de fronteira eram sérias. Qualquer descuido, de ambos

40 LEVERGER, Augusto. Apontamentos cronológicos da Província de Mato Grosso. op. cit., p. 160-162.

41 Ibidem, p. 133.

os lados, poderia comprometer a defesa. Sobre o ano de 1762, neste particular.

A 25 de agosto saiu o governador para Santa Rosa, onde chegou a 13 de setembro. Pensou diligentemente em dar incremento ao estabelecimento feito nesse lugar, a que os nossos tinham dado o nome de Destacamento de Nossa Senhora da Conceição. Mandou ali aumentar e melhorar os quartéis, os armazéns e a capela, e cuidou de fortificar o ponto e exercitar a sua guarnição; cuidou também com empenho em atrair por meio de brindes os índios das vizinhas Missões Espanholas, tendo conseguido que passassem para a nossa parte mais de 170 índios, vindos principalmente das aldeias de São Miguel e Santa Rosa, a Nova, motivo por que os Missionários abandonaram esta última, levando os índios que lhes restavam, receosos também de perdê-los⁴².

As questões fronteiriças eram sérias. Estavam em jogo os interesses de ambos os lados. Interesses que levaram à guerra do Paraguai. Uma guerra que, num determinado momento, promoveu o isolamento da Província de Mato Grosso devido ao bloqueio da navegação do rio Paraguai, impedindo o abastecimento do mercado local. Por conta disso, mais uma vez, os gêneros sofreram altas que assustou, igualmente, o seu presidente, o Barão de Melgaço: "(...) receoso da fome que nos ameaça a alta de víveres de primeira necessidade que solicitei ao governo Imperial providências para socorrer-nos"⁴³.

Tem-se, assim, a grandiosidade das obras do "*Bretão Cuiabanizado*". Elas, não há dúvida, servem de base para a compreensão do contexto regional da época. O que leva os historiadores a buscá-las, a exemplo de outras, como fontes de pesquisa. Eis aí a sua importância. Uma importância que, no passado, seduziu o Visconde Taunay, levando-o a escrever "*Augusto Leverger - almirante Barão de Melgaço*", e influenciou estudiosos do porte de um Virgílio Corrêa Filho, Antônio Fernandes de Souza e Estevão de Mendonça que, a partir do exemplo do mestre,

42 LEVERGER, Augusto. Apontamentos cronológicos da Província de Mato Grosso. op. cit., p. 54.

43 Idem. Relatório do presidente da Província de Mato Grosso na abertura da sessão ordinária da Assembléia Legislativa Provincial, a 20 de dezembro de 1869. Cuiabá: J. J. Calhão, 1869, p. 12.

44 SIQUEIRA, Elizabeth M. Apresentação. In: LEVERGER, Augusto. Apontamentos cronológicos da Província de Mato Grosso. op. cit., p. 8-9.

escreveu "*Datas mato-grossenses*", "completando a trilogia cronológica iniciada pelos cronistas setecentistas, atualizadas nos oitocentos por Augusto Leverger e complementadas" com aquele último "que incluiu dados do século XX"⁴⁴. Neste sentido, cabe transcrever o seguinte paralelo entre eles: "afeitos ao refúgio dos livros e da investigação do passado"⁴⁵ regional.

O "*Bretão Cuiabanizado*", portanto, desempenhou um papel importante como cronista. Tornou-se "um dos maiores estudiosos da história mato-grossense e dos escritores de maior bagagem científica sobre Mato Grosso"⁴⁶, e, suas obras, tais como no passado, continuam sendo fontes fundamentais para os pesquisadores e estudiosos das cousas idas e vividas pelo povo da região. Elas (suas obras) são frutos de quase cinquenta anos de trabalho, quase todos vividos no antigo casarão da rua Barão de Melgaço, onde hoje abriga o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e a Academia Mato-grossense de Letras, e cujo recinto, no dizer de Ferreira Mendes,

*(...) engrinaldado, tal um 'Panteão' das glórias passadas refulgem as efigies dos varões ilustres, que elevaram Mato Grosso pela dignidade e pelo saber, legando aos que surgem na seqüência ininterrupta da vida, exemplos de fé e de crença nos superiores destinos do abençoado torrão*⁴⁷.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever sobre o Barão de Melgaço não é outro processo senão o de reler cousas antigas, estampadas em páginas da história regional, muitas das quais ele próprio escreveu. Além das que já foram mencionadas, aparecem ainda:

Observações sobre a Carta Geral do Império, relativas à Província de Mato Grosso, publicadas na revista Archivo - edição comemorativa do 25º aniversário de sua morte; Apontamentos do Capitão de Fragata Augusto Leverger sobre o rio Paraguai, publicadas na

45 ARRUDA, Antônio. Breve paralelo entre Leverger e Estevão de Mendonça. Revista da Academia Mato-grossense de Letras - Comemorativa do Jubileu de Diamante (1921-1996). Cuiabá, p. 119, 1996.

46 PÓVOAS, Lenine. História da cultura mato-grossense. Cuiabá: Resenha, 1994, p. 27.

47 MENDES, Francisco Alexandre Ferreira. Lendas e tradições cuiabanas. Cuiabá: Fundação Cultural de Mato Grosso., 1977, p. 73.

Coleção Memórias do Arquivo Nacional, v. 13; Apontamentos para o Dicionário Corográfico da Província de Mato Grosso, editada na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, v. 47, em 1884; Apontamentos sobre eleições na Província de Mato Grosso, citado Ramiz Galvão em Catálogo da Exposição de História do Brasil - Anais da Biblioteca Nacional, v. 9, 1881-1882; Diário privado do chefe de Esquadra Augusto Leverger relativo aos meses de janeiro, fevereiro e março de 1865, editada na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, Seção Documentos Históricos, em 1930; Breve memória relativa à corografia da Província de Mato Grosso, editada na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, v. 28, em 1865; Breve resumo da vida do Barão de Melgaço, quanto à parte econômica, Revista o Archivo, v. III, 1905; Carta geográfica da Província de Mato Grosso, citada por Sacramento Blake, no Dicionário Bibliográfico Brasileiro, v1, p. 363; Apontamentos avulsos, na Revista Mato Grosso, ano 5, n. 5, 1908; Carta hidrográfica do rio Sepotuba, citado por Sacramento Blake, no Dicionário Brasileiro, v. 1, p. 362; Carta de um reconhecimento no distrito de Miranda na Província de Mato Grosso, citado por Sacramento Blake, v. 1, p. 363; Condições administrativas da Província de Mato Grosso, apresentadas em relatório de 13 de janeiro de 1852 ao Ministério e Secretário de Estado dos Negócios do Império, na revista O Archivo, v. III, 1905; Derrota da navegação do interior, da Vila de Porto Feliz, de São Paulo, à cidade de Cuiabá, citado por Henrique Boiteux; Diário do reconhecimento do rio Paraguai desde Assunção até o rio Paraná, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, v. 25, 1862; Índios da Província de Mato Grosso, citado por Ramiz Galvão, em Catálogo da Exposição de História do Brasil - Anais da Biblioteca Nacional, v. 9, 1881-1882; Informações prestadas ao Ministério da Marinha em 1851, sobre as matas de madeira de construção naval, revista O Archivo, v. III, 1905; Informações prestadas em 1851

sobre o traçado de uma estrada que comunique esta Capital com a cidade de Santarém no Pará, revista O Archivo, v. 1, 1904; Mapa da fronteira Sul da Província de Mato Grosso, citado por Sacramento Blake - Dicionário Bibliográfico Brasileiro, v. 1, p. 362, 1856; Mapa geográfico, cronológico e estatístico da Província de Mato Grosso, citado por Sacramento Bleke, Dicionário Bibliográfico Brasileiro, v. 1, p. 363, 1868.

48

Obras que não podem ser ignoradas. Muito pelo contrário. Compostas por páginas, embora já amareladas com o tempo, fundamentais e importantes para a compreensão do contexto mato-grossense dos séculos XVIII e XIX. Folheá-las é condição necessária. Afinal, tratam-se de um valioso legado à história e aos cientistas sociais locais. Fruto de imensa investigação e monumental poder de síntese, bem como revela o nível intelectual do *"Bretão Cuiabanizado"* e seu amor e dedicação à terra que o acolheu e onde constituiu família.

"Terra agarrativa" ou "agarrador Mato Grosso". Não a trocava por nada, nem pela sua França, pois, aqui, era "feliz como se possa ser". Sentia-lhe grato. Tudo faria por ela. Jamais a deixaria, uma vez que aqui "findaria" seus "dias, separado do resto do mundo por distâncias imensas. Levem as águas deste Paraguai, a cuja beira" viera "abrigar a" sua "modesta existência, realizando todos" os seus "desejos, levem elas ao grande oceano", seu "amigo de outrora, no seu rolar sem fim, a lembrança do velho Leverger" 49.

Augusto Leverger era assim, um apaixonado pelas cousas e pelo próprio Mato Grosso. Foram quase cinco décadas de trabalho e dedicação. Ao morrer, no velho casarão da antiga rua do Campo, deixou aos mato-grossenses - de nascimento e por adoção - significativos registros da história e da geografia mato-grossenses. Trabalhos que influenciaram os intelectuais fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, bem como servem de fontes aos pesquisadores das gerações atuais.

48 SILVA, Paulo Pitaluga Costa e. Estudo bibliográfico da história, geografia e etnologia de Mato Grosso. Cuiabá: Gráfica, 1992, v. III, p. 166-168 (Coleção Coisas de Mato Grosso).

49 Trechos da carta enviada à irmã. Apud. ARRUDA, Antônio. Vultos eminentes de Mato Grosso. op. cit., p. 58.